

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JUNHO/2017 - ANO XXI - Nº 245

EDITORIAL

A Fundação Christiano Rosa e Piquete ficaram mais pobres.

Perdemos, neste mês em que o município comemorou mais um aniversário de emancipação político-administrativa, uma de suas mais brilhantes filhas. Faleceu, no dia 10, a professora Dóli de Castro Ferreira, membro da Fundação desde sua instituição.

Mulher de grande valor, católica fervorosa, sempre interessada nas nobres causas e detentora de sentimento cívico, nutria amor desmedido por Piquete e pelas coisas piquetenses. Interessava-se por tudo o que se relacionava ao município: o meio ambiente, a expansão da cidade, suas tradições, seu patrimônio histórico e instituições – interesse que somente um atavismo poderia explicar. Sua vida foi pautada na educação e na cultura. Grande estudiosa, tinha imenso prazer em aprender e ensinar. Desde menina destacou-se nos estudos. Foi referência no Departamento Educacional da FPM como aluna da primeira turma do Ginásio e da Escola Normal Livre Duque de Caxias, que concluiu em 1952, tendo recebido a Medalha Rui Barbosa. Após o Normal, mudou-se para a capital do estado, onde cursou Geografia e História na Universidade de São Paulo e desenvolveu profícua carreira profissional. O gosto por essas disciplinas foi adquirido na infância: percorria as ruas da cidade observando os aspectos geográficos e a paisagem emoldurada pela Mantiqueira. Conhecia cada canto do município e seus acidentes geográficos e era grande observadora da sociedade. Esse cabedal de conhecimento substanciou várias de suas crônicas, nas quais o passado ressurgia redivivo. Pesquisadora paciente e criteriosa, lia e escrevia compulsivamente. Seus trabalhos, reveladores de uma inteligência brilhante, eram transmitidos com precisão e honestidade.

A professora Dóli prestou à sua terra serviço inestimável. Como historiadora, vasculhou arquivos de São Paulo, Rio de Janeiro e da Igreja, em busca de nossas origens. Apesar de viver em São Paulo, não se desvencilhou de sua terra natal – a Piquete que tanto amou.

A obra deixada pela professora Dóli é farta e intrigante. Abrange um leque variado dos mais variados assuntos, cuidadosamente pesquisados e publicados nos jornais e informativos da cidade e em revistas de diferentes instituições. Esse material é fonte essencial para todos os que se interessam pela história de Piquete e sobre ela queiram se debruçar. A riqueza de reflexões e de conteúdo trazida pelos seus textos possibilita sempre novos olhares, que apontam para nuances ainda pouco exploradas.



Foto Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Almejamos o progresso, que é feito de lutas, conscientização necessidades, esforços. Não devemos fechar os olhos para os problemas, mas enfrentá-los. Não somos eu, somos nós, uma comunidade em que o respeito mútuo, a fé no futuro e a vontade no presente são construtores de vida em ação contínua.

Piquete em seu aniversário

“O homem será sempre prisioneiro de sua origem e, por mais que ande por longe, o coração nunca deixa de residir onde nasceu”. (José Américo de Almeida)

Eu nasci nesta terra e, se não vivi sempre nela, é porque o mundo chamou-me para outras experiências.

Saindo, aprendi a ver, ouvir, sentir, analisar, comparar e querer sempre bem, cada vez mais, o solo do berço e as pessoas que, ao se cruzarem, permitiram minha vida e as características registradas no código genético.

Por isso, declaro minha afeição por minha terra.

Nossos antepassados lutaram por garantir direitos ao torná-la emancipada quando tudo conspirava para que não fosse tornada autônoma.

Escrevo estas notas num de seus aniversários. São anos de idade legitimados pelo trabalho de tanta gente profícua, dedicada e competente, que se somaram e geraram um povo que aqui nasceu, cresceu, vive e, com certeza, deseja o progresso.

Pesa-me o dever de enxergar o que a cidade nos mostra. Se o cognome desta nossa cidade é o de Paisagem, pergunto aos meus conicidãos: qual paisagem queremos exibir?

De um lado, paisagem não é apenas símbolo de beleza e harmonia artisticamente arranjadas.

De outro, paisagem é a soma dos fatos naturais e dos artificiais, estes criados pelos humanos em vista de necessidades, interesses, propósitos e até despropósitos.

Se paisagem é marca de reconhecimento, cumpre-nos admirar o entorno serrano e o modelado colinoso naturalmente belo de nosso município, além dos objetos das construções nas marcas do tempo. Mas não nos esqueçamos do essencial: é o conjunto dos

habitantes que define o espaço onde vivemos e construímos a nossa história do hoje. Claro que em todo hoje há um ontem, e, espera-se, haja um amanhã.

Imaginem agora uma foto geral, panorâmica de nossa cidade hoje.

Como seremos lidos amanhã?

Coloquemos em evidência tudo o que nos envolve e qualifica no momento presente.

Não nos esqueçamos de mostrar as águas, as matas, a derivação do lixo, a disposição das ruas, das praças, dos monumentos e placas comemorativas e o seu estado.

Deixemos para comparação imagens postadas lado a lado, de modificações importantes nas últimas décadas. Procuremos localizar fotos mais antigas para comparar o que foi esse conjunto de parques de setores recreativos, educativos e esportivos. E hoje, o que restou?

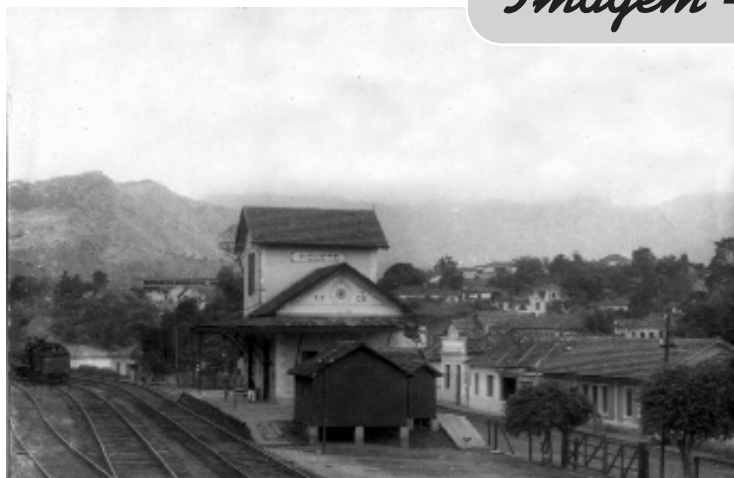
Não falemos principalmente do passado, e sim de nosso presente, e quem sabe, se formos preocupados com qualidade de vida, falemos de nosso futuro.

Não olhemos para fora, e sim para dentro, hoje, já, agora.

O que de fato queremos? Que tipo de cidadãos somos hoje? Almejamos o progresso. Este é feito de lutas, de conscientização de necessidades, de esforços. Não devemos fechar os olhos para os problemas, mas enfrentá-los voluntariosos na soma das forças. Não somos eu, somos nós, uma comunidade em que o respeito mútuo, a fé no futuro e a vontade no presente são construtores de vida em ação contínua. Acreditemos em nossas potencialidades! **Dóli de Castro Ferreira**

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



Historia de Piquete digitalizada

A fotografia como instrumento e objeto de pesquisa histórica resgata o cotidiano de indivíduos, da sociedade e a memória coletiva. Possibilita desvendar fases de nosso passado por muitos desconhecidas.

Assim, observando antigas fotografias de Piquete de diferentes épocas de sua história, podemos entender como não deve ter sido fácil para nossos primeiros administradores trabalhar visando ao desenvolvimento da cidade.

Instalada num apertado fundo de vale, entre montanhas, com orçamento reduzido e sem fontes de renda próprias, o município sempre dependeu do apoio dos governos. A instalação da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça, no início do século 20, gerou empregos e impulsionou o seu desenvolvimento. Tivemos fases de grandes expansões urbana e social financiadas com recursos da Associação Comercial da Fábrica. Um dia, porém, o sonho acabou. No final da década de setenta, a Fábrica deixou de ser a grande mantenedora do município. Os inúmeros programas sociais por ela mantidos deixaram de existir, e a cidade, até então beneficiada com seus investimentos, sofreu um baque do qual ainda não se recuperou. Esse capítulo de nossa história pode ser conhecido e recuperado por todos os interessados em nosso

passado consultando o acervo fotográfico da Fundação Cristiano Rosa.

Há alguns anos a Fundação vem colecionando e conservando fotografias antigas de Piquete. Esse acervo vem crescendo graças a doações que chegam da cidade e de diferentes partes do país. Algumas fotografias encontram-se em péssimo estado de conservação, devido não apenas à ação do tempo e ao desgaste natural, mas também por terem sido fixadas em suportes frágeis e submetidos à oxidação ou à presença de fungos.

Esse acervo fotográfico, que contém imagens desde o final do século 19, é um rico patrimônio que está sendo preservado. Ciente da fragilidade desse material, a Fundação o vem digitalizando aos poucos e objetiva preservar não somente as imagens desgastadas com risco de serem perdidas, como também as recentes, com vistas ao futuro. As fotografias escaneadas são transferidas para um banco de dados eletrônico e catalogadas. Muitas, de tão deterioradas, são inidentificáveis. Nesses casos, é realizado um moroso e artístico trabalho de recuperação, com software adequado, que permite redescobrir detalhes que se acreditavam perdidos.

A intenção de digitalização desse acervo, que já conta com milhares de imagens,

é facilitar a busca, o manuseio e a reprodução das imagens, quando necessário. Parte do acervo vem sendo publicado neste informativo, como forma de divulgação da história e da cultura do município. Além disso, frequentemente a Fundação é procurada por pesquisadores e universitários da região que desenvolvem trabalhos sobre Piquete e necessitam de iconografia para ilustração. Essa digitalização permitirá identificar uma sequência de imagens que mostram o desenvolvimento urbano da cidade, a FVP em seus diversos momentos, o Departamento Educacional, os operários, famílias, e personagens que ajudaram a construir o município, além do cotidiano da cidade em diferentes épocas.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Dra. Kátia

Uma mulher forte, discreta, segura de seus atos. Essa é a primeira impressão que se tem da Dra. Kátia, juíza da comarca de Piquete.

A paulistana Kátia Margarido Barroso nasceu a 9 de janeiro de 1966, filha de Gilberto Barroso e Antônio Margarido Barroso. É formada em Ciências Jurídicas e Sociais desde 1987, pelas Faculdades Integradas de Guarulhos. Conta, ainda, com especializações em Direito Processual Civil e em Saúde Pública pela Universidade de Taubaté. Antes de ingressar na Magistratura, em 24 de agosto de 1990, atuou na Procuradoria de Assistência Judiciária (cível) por um curto período e, ainda, por cinco anos, como Escrevente Técnico Judiciário na capital do estado, no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

Dra. Kátia veio, então, para Piquete. Assumiu seu cargo em nossa cidade em 28 de novembro de 1991. Desde então vem honrando o município e os municípios com seu trabalho competente, ético e imparcial. Há quase vinte e seis anos em nossa cidade, é vista como uma profissional dedicada. Perguntada sobre sua relação com a população, responde: Minha relação é “de carinho. Fui bem recebida e me sinto filha de Piquete. Conheci muitas pessoas. Vivenciei parcela de suas dores e lutas e também algumas de suas alegrias”.

Ao avaliar os dias atuais, afirma que “o município sobrevive com dificuldade. A população, como acontece em todo o país, tem sido surpreendida pelo aumento da criminalidade violenta”. Suas palavras refletem as observações de uma juíza e também da cidadã, que não fecha os olhos à realidade que vem assolando as pequenas e pacatas cidades do país – realidade essa diferente da Piquete que encontrou quando aqui chegou. Dos inúmeros casos em que atuou, prefere não destacar nenhum, pois afirma que “em cada processo, um fragmento da história pessoal da parte é trazido e isso basta para entendermos a sua relevância”. Essa sua postura, discreta e imparcial, muito exigida de um magistrado, é dos pontos mais marcantes da juíza à frente do Poder Judiciário em nossa Piquete. Sua profissão exige imparcialidade no trato com todos, indistintamente. Como responsável pela Justiça Eleitoral no município, é consenso sua postura ilibada em todos os pleitos entre os políticos de nossa cidade, dos mais diversos partidos, dos quais merece e tem,



certamente, todo respeito.

A vida profissional exemplar é, certamente, reflexo da vida pessoal. A discrição evidenciada no trabalho caracteriza, também, suas atividades quando deixa o Fórum, seja após a turbulenta rotina diária ou nas férias. “Conviver com a família e amigos e, quando possível, viajar conhecendo realidades diferentes” são suas atividades principais, afirma.

No mês em que se comemora o aniversário de emancipação político-administrativa de Piquete, espalha-se a notícia de que existe uma grande possibilidade de transferência da Dra. Kátia de nosso município. Se for efetivada essa transferência, “deixarei a cidade com o coração dividido. Aqui em Piquete passei metade de minha vida... Tenho cinquenta e dois anos e venho atuando como juíza aqui por vinte e seis anos e meio... Será muito difícil mudar a rotina”, afirma sem conseguir disfarçar um quê de emoção.

Além do exemplo pessoal e profissional que ficará da Dra. Kátia, ela deixa uma mensagem para os piquetenses: “Que nunca desistam! Que mantenham a mente aberta tratando respeitadamente aqueles que divergem de seu próprio ponto de vista! Que nunca deixem de voltar o olhar para os mais frágeis! Renovem-se na fé e trabalhem para aproximar a Piquete real da Piquete de seus sonhos”.

Cidadã honorária de nossa cidade desde 1997, Dra. Kátia merece todo nosso respeito e admiração. Não apenas pelo cargo, mas também pelas atitudes cidadãs que sempre a distinguiram. Que sejam seguidos os sábios conselhos de uma ainda jovem juíza que, muito jovem, assumiu a condução da Justiça em Piquete e que soube, de maneira ímpar, cumprir seu dever.

Uma vida dedicada ao conhecimento

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Deixou-nos este mês a amiga querida, professora Dóli de Castro Ferreira. Reduz-se o time de piquetenses que buscam, incansavelmente, preservar nossa cultura e nossa história.

Intelectual à moda antiga, Dóli era uma estudiosa convicta. O campus da Universidade de São Paulo era seu segundo lar: lá foi aluna da primeira turma de Geografia, concluiu seu Mestrado e até recentemente participava de cursos sobre os mais variados temas. Foram muitas as vezes em que digitei, por exemplo, traduções que fazia de grandes obras da Literatura mundial. Era pra mim um prazer, pois, quando lhe entregava o material impresso recebia uma aula sobre o assunto.

Ficava imaginando o privilégio que tiveram seus alunos do Colégio Bandeirantes, um dos mais tradicionais da capital paulista. Ter a Dóli como professora certamente era uma oportunidade de aprender bem, tamanha era sua dedicação ao Magistério. Colecionava conhecimentos e repassá-los era para ela um prazer...

Dóli partiu aos 86 anos. Membro da Fundação Christiano Rosa desde sua instituição, em 1997, farão falta ao nosso informativo O ESTAFETA seus artigos, sempre muito bem elaborados e resultado de pesquisas constantes e intensas. Tornaram-se história seus bilhetes manuscritos que delicadamente enviava acompanhando seus artigos mensais. Já havia alguns meses não mais escrevia, em função da saúde debilitada. Fez-se memória que será lembrada por todos que buscarem a história de Piquete, pois seu legado faz parte da bibliografia essencial para estudar nosso município. Por meio de sua casa, repleta de livros, registros e documentos, fica ainda mais evidente sua sede de conhecimento, sua ânsia por aprender mais e mais e sempre. São inúmeros os livros, dos mais variados assuntos e temas que colecionou ao longo de sua trajetória. Um acervo que encanta.

Foi-me um privilégio conviver e aprender com a professora Dóli de Castro Ferreira. Foram duas décadas de formação constante. Rendo minha homenagem a essa cidadã piquetense e do mundo. Uma mente que pensava soluções, coisa que tanto precisamos neste país tão carente de inteligência.

Instalação oficial da Fundação Christiano Rosa, em 1997. Membros do Conselho Curador da Fundação e autoridades municipais, entre elas a Dra. Kátia



Intimista

Fotos Arquivo Pró-Memória

Não se percebe tão claramente quando a estranheza nos toma de assalto. Para sobreviver, engendramos enredos. Intrigados, nos questionamos. Sair do entranhamento é como tentar se livrar da teia na qual se está preso por um visgo cuja plasticidade inicial torna-se cada vez mais colante. Cola que sufoca, petrifica. Conglomerado. Como vedado em cimento sólido.

A saída pode ser racionalizada, mas qual é ela, vertiginosa rede de proposições? “Renda-se como me rendi”, disse Clarice, provavelmente sentindo-se também capturada.

Rendo-me. Procuro no repertório das imagens dos sonhos a motivação para justificar o ato da rendição. Os sonhos, entretanto, baralham-se. Enigmáticos. Sinto-me no labirinto dos muitos cruzamentos sem o manual da utilização para contornar as cercas vivas. Falta-me o fio condutor. Sozinha, trabalho com a possível chave. Trouxeste a chave? Pergunto a mim mesma e lembro-me de que este é um verso de Drummond. Tento expandir-me rumo à metafísica. Um bloqueio detém-me.

Clarice continua: “Mergulhei no que você não conhece, como eu mergulhei; não se preocupe em ‘entender’”. E continua, enquanto racionalizo o convite: “Viver supera todo o entendimento”. Mas, onde está o nó do segredo?

No labirinto, divido-me. Já agora sou duas. Uma e outra – ambas – eu própria. Não, não sou bipolar. Reconheço-me nas duas, dialeticamente. Uma, incentivando aventuras e novas descobertas. Arriscando-se. A outra, procurando comedimento. Provavelmente influência da idade, retardando o afoitamento. Entender sim. Mergulhar e entender.

Os olhos postos na imagem da pluralidade, no modo dos mapas conceituais, com símbolos-padrão reconhecíveis. Combinados para serem decifrados como nos quebra-cabeças que, decifrados, perdem a graça. A intangibilidade simbólica de fragmentos justapostos a criar neurose. Alguma sudorese e a adrenalina se desprendendo vertiginosa. Como se em foto aérea de lentes ligeiramente inclinadas, a metrópole se mostrasse ocupada por blocos e caminhos interconectados sem o ponto de partida e o destino da chegada. Foi quando, do mergulho no caos, uma imagem se desenhou ainda indistinta, mas soberana sobre as demais.

Passei a analisar a imagem. O desenlace duplicado. Em dupla conotação – o nascimento e a morte – a entrada na vida e a saída dela. Um fio tênue entre as duas. Nesse instante, o avião na noite de neblina densa. Potente, os faróis como topázios rasgando a névoa. Focos de luz devassando a escuridão. Quais lumes dirigidos em orientadas faixas paralelas, sinalizando, abrindo, deixando um rastro pontilhado da poeira luminescente que, rastreando o caos, devassa o coração das trevas nas rotas ignotas.

Dóli de Castro Ferreira

Imagens ao lado, a partir de cima: 1) Inauguração da reforma do Pórtico da FPV e da Estração da Estrela: Gen. Paiva Chaves e Cel. Afredo Araújo, então respectivamente Presidente e Diretor da IMBEL, Antônio Carlos Monteiro Chaves, da Fundação Christiano Rosa, e Dóli; 2) Exposição Fotográfica de Frank Ferrer Senne (à esquerda) com textos de Dóli de Castro Ferreira; 3) Entrega do Prêmio Cultura Paulo Camilher Florenzano, outorgado pelo Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV) à Fundação Christiano Rosa.



Um depoimento...

De pequenas atitudes surgem, às vezes, grandes amizades

Foi assim com a professora Dóli de Castro Ferreira. Eu já a conhecia. Não só de vista, mas de ouvir falar. Sabia que era uma intelectual brilhante, geógrafa formada na USP, com um currículo de estudos respeitável e que era uma pessoa muito viajada, fluente em línguas e que conhecia o mundo quase todo. Cultivava o gosto pela leitura e pelo conhecimento. Entusiasmava-se em aprender e ensinar.

Nossa aproximação se deu por acaso. No final da década de 1980, encontrei-me com ela na casa de meus avós paternos. Chamou-me a atenção sua figura singular: pequena estatura, bem vestida, cabelos e lábios cuidadosamente pintados de vermelho, que contrastavam com imensos olhos azuis emoldurados por um par de óculos. Colares e grandes anéis compunham o conjunto. Muito educada, de fala mansa e gestual largo, queria saber de tudo e de todos. Fazia mil perguntas a meus avós, anotando num caderninho que lhe servia de passaporte para décadas passadas.

Por essa época eu já havia concluído minha graduação e com maior frequência retornava a Piquete. Dóli e eu passamos a nos ver com certa assiduidade. Construímos uma sólida amizade alicerçada no gosto pela cultura, história e meio ambiente. Em 1990, estivemos juntos no Grupo Ambientalista Marins (GAM). Dóli passou a escrever para o “Sentinella”, informativo desse grupo ambiental, e para o jornal “Cidade Paisagem”. A aproximação dos festejos do centenário de Piquete levou-a a se aprofundar em pesquisas sobre as origens do município, o movimento político que concorreu para sua emancipação, o crescimento e o desenvolvimento de nossa cidade. Nossos encontros tornaram-se mais frequentes, com longa troca de informações. Era gratificante observar seu prazer em discurrir sobre seus estudos, descrevendo com minúcias aspectos da paisagem serrana, a ação tectônica na formação da Mantiqueira, o relevo, a cobertura vegetal da serra e a ocupação humana da bacia

hidrográfica do ribeirão Piquete. A cada encontro, novos e seguros aprendizados. Na cidade era comum vê-la conversando e colhendo informações para futuras crônicas com antigos moradores e personalidades emblemáticas de nossa paisagem social como os irmãos Carlos e Luiz Vieira Soares, Nelo Pelegrine, o arquiteto Prometeu de Silveira, Diomedes Leite, seu primo Chico Máximo entre tantos outros. Em 1997, com a instituição da Fundação Christiano Rosa, foi convidada pela arquiteta Célia Ap. Rosa a fazer parte comissão de História dessa Instituição e a colaborar com seu informativo “O Estafeta”. Escreveu de maneira ininterrupta até bem recentemente. Seus textos, sempre bem elaborados, são fontes inesgotáveis de conhecimento que devem ser consultadas por interessados em nossa história. Resgatam, muitas vezes, a Piquete de sua infância, que contextualizava com os dias de hoje e apontava para o futuro. Sonhava com uma cidade moderna em que o meio ambiente fosse valorizado e a cidadania exercitada por todos os habitantes. Para isso escrevia, escrevia e escrevia. Acreditava poder, com seus textos, contribuir para o aprimoramento da formação cidadã. Recentemente me confidenciou que poder manter sua página em “O Estafeta” a fazia se sentir viva. Escrever era o que lhe proporcionava grande prazer na vida. Era o que mais amava fazer. Para seu devotamento à cultura teve sempre na retaguarda a figura carismática de Eugênia Tobias, seu anjo da guarda, que dela cuidou com desvelo por mais de 64 anos. Eugênia foi trabalhar com a família Castro Ferreira ainda menina e permaneceu até os dias de hoje.

Assim era Dóli de Castro Ferreira, inteligência brilhante, dinâmica, retidão de caráter, cidadã atuante e amiga de todas as horas. Os que com ela puderam conviver de maneira mais próxima se enriqueceram com seu exemplo de retidão intelectual, tenacidade e denodado amor por Piquete. **Antônio Carlos Monteiro Chaves**

Da imortalidade

Tributo e homenagem à professora Dóli de Castro Ferreira

Na clara e fria manhã de sábado, 10 de junho de 2017, notícia infausta e penosa atingiu de perto os piquetenses. Faleceu a professora Dóli de Castro Ferreira. Emoção e pesar foram as notas marcantes que difundiram entre seus amigos e que se multiplicaram nas redes sociais da internet. A partida da amiga tão presente e atenta, partícipe consciente e devotada na paisagem singular do nosso cotidiano, deixou-nos, a nós que a admirávamos, com a perplexidade de continuar sem ela que, por muito tempo, esteve conosco ombreando em trabalhos voltados para Piquete. Vai fazer muita falta!

Inteligente, apaixonada pela paisagem serrana de Piquete, cultora dos livros e das letras, pesquisadora incansável das origens do município, Dóli deixa uma lacuna difícil de ser preenchida na área da educação e da cultura.

Dóli de Castro Ferreira nasceu em 17 de dezembro de 1930. Filha única do casal José de Castro Ferreira e Georgina de Oliveira Ferreira, descendia de um dos mais antigos troncos da genealogia piquetense – um de seus ancestrais, Antônio Domingues Pereira, fora agraciado com uma sesmaria ainda em meados do século XVIII, próximo à Mantiqueira. Desmatou floresta, plantou roças, tornou-se senhor de engenho e constituiu uma das famílias que vieram dar origem ao município de Piquete. Orgulhava-se de sua terra e de sua gente, inspiração e memória para muitas de suas crônicas.

Após a conclusão da Escola Normal Livre Duque de Caxias, do Departamento Educacional da FPV, em 1952, ingressou na Universidade de São Paulo graduando-se em Geografia e História em 1956. No ano seguinte fez especialização em Geografia e mais tarde tornou-se Mestre em História Social. Sua vida foi dedicada ao magistério. Lecionou em escolas públicas e particulares. Paralelamente à vida profissional, manteve intensa atividade intelectual participando de numerosos cursos e seminários e escrevendo para jornais e revistas especializadas. Em Piquete, colaborava com a imprensa desde a década de 1950. Escreveu para O Labor, jornal da FPV, O Regente, A Cidade, Folha de Piquete, O Sentinella e Jornal Cidade Paisagem. Foi membro atuante da Fundação Christiano Rosa, fazendo parte da comissão de História e participando como sua representante junto ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Artístico Arquitetônico e Paisagístico de Piquete. Elaborou trabalhos substanciais que justificaram o tombamento de inúmeros bens arquitetônicos de valor simbólicos para o município. Foi membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), do Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV), da Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia (ASBRAP) e da



Academia Cristã de Letras de São Paulo, nesta última sucedendo na cadeira nº 31 o também piquetense Paulo Pereira dos Reis.

Em coautoria escreveu os títulos: “*Elas vieram de longe- séculos XIX e XX*” – traduzido para o francês, “*Ruth Hall: uma narrativa doméstica dos tempos presentes*”, de Fanny Fern (tradução do inglês para o português) e “*A Glette, o palacete e a Universidade de São Paulo*”. Intelectual brilhante, participava ativamente de diversos grupos de estudos acadêmicos. Estava sempre envolvida em algum trabalho literário, ora fazendo revisão, ora em uma tradução ou em atualização de livros didáticos de Geografia. Acreditava no poder transformador da cultura e na capacidade de aperfeiçoamento do homem por meio do seu desenvolvimento intelectual e moral. Pelo seu vasto trabalho intelectual e literário foi indicada e eleita para ocupar uma das cadeiras da Academia Cristã de Letras de São Paulo, o que lhe proporcionou grande contentamento. Como toda acadêmica, passou a usufruir da condição de imortal. Neste caso, a imortalidade de que trata o cenáculo da arte e da ciência. Não é a que diz respeito ao ciclo perecível das marcações do tempo biológico, mas a que trata da qualidade das obras produzidas por via de sua beleza formal e da magnitude de seus conteúdos de superior qualidade. Ela se fez imortal academicamente pela perenidade da obra. Deixou marcas indeléveis na passagem pela vida. Construiu uma obra imensurável, grande parte voltada para Piquete.

É certo que nesta existência só morrem os que caem no esquecimento. Dóli de Castro Ferreira será sempre lembrada toda vez que alguém se debruçar sobre a história de Piquete.

Repercussão na internet

“Como amiga, manifesto minha tristeza. Como colega, batalhando na Fundação Christiano Rosa, grande admiração por sua inquestionável capacidade intelectual. Como Prefeita de Piquete, em meu nome e em nome dos piquetenses, presto homenagens e reconhecimento a quem voluntariamente prestou serviços públicos relevantes que permanecerão para sempre em nossa história. Que Deus a acolha e o Espírito Santo permita que sua luz e amor possam estar sempre com ela a iluminar nossa cidade!”

(Ana Maria de Gouvêa, Prefeita Municipal)

“Só Deus conhece a razão da perda. E só Ele pode consolar nosso coração. Grande tristeza pela perda da querida amiga e mestra desde longa data, Dóli de Castro Ferreira. Sem palavras para descrever o legado de Dóli em minha vida e para todos que a conheceram e puderam compartilhar de seus conhecimentos, de sua mente brilhante e de seu exemplo de vida. Ilustre ser humano e brilhante profissional. Perdemos nós, que a amávamos, e Piquete uma das suas mais brilhantes filhas. Querida amiga, você combateu o bom combate, guardou a fé. Descanse em paz! Saudades eternas!”

(Ana Maria Marcondes)

“Sei o quanto meus pais, Alfredo e Anacyr Araújo, a apreciavam. Ficam aqui os meus sentimentos sinceros para a família e todos os amigos de Piquete, com quem compartilho o mais profundo respeito pelo trabalho da professora Dóli na preservação da cultura e da memória da cidade.”

(Ana Valéria Araújo)

“Uma perda lastimável! Viveu intensamente seu amor pela terra natal! Grande perda! Será um prazer encontrá-la em outro plano.”

(Antônio Carlos Moura)

“Adeus, Dóli! Obrigado por tudo!”

(Gilberto Augusto da Silva)

“Que Deus a tenha e conforte a família. Uma grande perda para o nosso querido Vale do Paraíba.”

(Humberto Felipe da Silva, Presidente do IEV)

“Grande Dóli! Saudades...”

(Luciano Almeida)

“Estou embargada. Grande cabeça pensante, comadre da minha mãe, Dóli sempre fez parte de nossa vida e principalmente da história dos moradores da Rua Major Carlos Ribeiro. Deixa uma lacuna impreenchível.”

(Maria Auxiliadora Motta Gadelha)

“O mundo perdeu... Em Cultura e Inteligência... Muito triste!”

(Regina Lúcia Arantes Dipp)

“Vá em paz, querida Dóli. Grande cidadã piquetense. E do mundo!”

(Rita Helena Junqueira)

1988 – número chave do Brasil

Todas as vezes que uma PEC é anunciada, sentimos um soco no estômago. É mais um PECado contra a Constituição Cidadã.

Tudo bem, os Constituintes optaram por uma carta pormenorizada. E o mundo muda, e o país muda.

Mas, geralmente, as Propostas de Emenda à Constituição dizem respeito às inovações na vida do país.

Examinemos a mais próxima da tese alegada – a inversão da pirâmide populacional, o país está envelhecendo.

Está posta a unha na ferida. IAPB, IAPC, IAPI, IAPTEC? Onde foram parar as contribuições destes Institutos quando houve a fusão?

Quem nos dá luzes sobre as características do IPASE?

O salário do trabalhador brasileiro é muito baixo. Segundo o Dieese, o salário-mínimo em vigor corresponde a 1/4 do valor prescrito na Lei de sua Criação.

Como poderão os professores do Rio de Janeiro ter a sua contribuição aumentada para 14%?

Quanto à Contribuição Sindical – por que não transformá-la em uma Reserva Técnica para que o trabalhador possa retirar empréstimos sem juros?

O tão decantado Empréstimo Consignado é um abuso!

O trabalhador poderia retirar 4 empréstimos durante sua vida profissional – no

7º, 14º, 21º e 28º ano de Carteira Assinada. Não seria necessário indicar a destinação do empréstimo – casamento, estudos, consulta médico-odontológica, conserto da casa, viagem – e o pagamento seria efetuado em 6, 12, 18 ou 24 meses conforme o salário do trabalhador.

Se a Contribuição Sindical Obrigatória é indicada como causa da proliferação dos Sindicatos, o Financiamento Público de Campanha pode ser responsabilizado pela proliferação dos Partidos.

O excessivo número de Partidos leva a coligações espúrias que desfiguram o Congresso Nacional. Se for retirado este patrocínio, ninguém pensará em cláusulas de barreira e que tais.

A verba que seria destinada aos partidos poderia ser utilizada no aperfeiçoamento dos Distritos Eleitorais, para que em 2018 o povo receba a oportunidade do Voto Distrital Misto que o Congresso teima em não querer.

O Foro de Prerrogativa de Função – apelidado de Foro Privilegiado – não tem privilégio algum – é digno, justo, coerente e produtivo.

Os quadros de funcionários dos Três Poderes têm de ser fechados e preenchidos por Concurso. Os Cargos em Comissão representam uma epidemia no Serviço Público.

Se houver necessidade, além das atividades terceirizadas, pode haver contratos temporários para trabalhos especializados.

Os Membros do Governo, eleitos ou in-

dicados, devem submeter-se ao julgamento do Tribunal Constitucional – Supremo Tribunal Federal. Toda a Comunidade Nacional quer acompanhar o julgamento, quer saber como se comportou seu Deputado; o Ministro da Fazenda ou o Presidente da República.

Só sentimos a falta de Foro Equivalente nas Unidades da Federação para que os Membros do Governo Estadual sejam julgados bem perto de nós.

Opinião corrente é que só deve haver recurso à Terceira Instância se houver fortes indícios de erro de pessoa ou falso testemunho. Neste caso, o recurso deve ser de Iniciativa Popular com, pelo menos, 1988 assinaturas.

A Comarca deve ter sua esfera de atuação alargada para abrigar um colegiado.

O condenado em Primeira Instância recorre à Comarca. Se o colegiado confirmar a condenação, o réu já vai para a prisão.

Somente crimes federais ultrapassarão a esfera da Justiça Estadual.

Não podemos perder a fé em 1988.

As forças da Inteligência deste país precisam informar o povo. Todas as instituições que investem no conhecimento precisam trazer à luz Manifestos que apontem ao povo a verdade de cada tema.

Que, em cada ano de final 8, a parte da Comunidade que sabe se lembre da parte da Comunidade que precisa saber!

Abigayl Lea da Silva

Deus plantou um jardim

“Javé plantou um jardim em Édem, no Oriente, e aí colocou o homem que havia modelado”. Estas palavras podem ser lidas no capítulo 2 do livro de Genesis. O mundo foi entregue ao homem como um jardim ao jardineiro para que zelasse pela beleza, pela harmonia, pela vida.

Cuidar do lugar em que vivemos é uma atividade que nos coloca em contato com nossas origens mais remotas. “Deus tomou o homem e colocou-o no Jardim de Édem para que o cultivasse e guardasse.” O ser humano é, antes de tudo, um cuidador, nas palavras do filósofo Martin Heidegger, um pastor do Ser, da existência.

Não estou falando de grandes e dispendiosos projetos. Cuidar das pequenas coisas que nos cercam causa um grande impacto no todo. Todas as vezes que agimos localmente agimos também na totalidade. Não cortar árvores, deixar que floresçam os jardins, não permitir que o concreto e o asfalto ocupem o lugar dos gramados, criar áreas de conservação e parques, zelar pelas praças públicas, pela limpeza da cidade, pela vitalidade dos rios são tarefas a ser assumidas por toda a sociedade.

Impressiona-me o fato de grande parte das pessoas ter perdido o contato com a criação. Às vezes pergunto propositalmente: Qual é a lua hoje? Raramente alguém sabe responder. Deixamos de olhar para o céu. Outra coisa que me chama a atenção é que poucos sabem os nomes dos pássaros, das espécies de árvores, das ervas, dos animais silvestres, dos insetos. Saber os nomes dos seres é fundamental para que haja relação com eles. Nomear a criação foi uma das primeiras coisas realizadas pelo homem.

“O homem deu então nome a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras”. Mesmo nas áreas rurais, quando pergunto como se chama tal árvore ou que pássaro é aquele que está a cantar, quase sempre não sabem responder. Assim, desconectados da rede da vida, da qual inexoravelmente fazemos parte, perdemos o afeto pelos outros seres, não nos importamos com seus destinos, adoecemos em nosso fechamento antropocêntrico e destruimos a comunidade de vida, como se não fizessemos parte dela e não fôssemos seus zeladores.

As sociedades humanas precisam progredir, avançar, desenvolver tecnologias. Esse progresso, porém, deve acontecer como o crescimento de uma árvore: na mesma medida que expande e abre sua copa para o alto, finca suas raízes no solo. Não sendo assim, a árvore tomba ao primeiro vento. Se, à medida em que avançamos e progredimos na técnica, no domínio da natureza, nos empreendimentos e negócios, não evoluirmos também em nossa capacidade relacional, com nossos semelhantes e com os outros seres, se não nos reencontrarmos com nossa essencial condição de jardineiros da criação, todo progresso conquistado será em vão e não conseguirá produzir outra coisa que precarização da existência humana e de toda a comunidade de vida que a envolve e sustenta.

Olhar o mundo como um jardim a ser cuidado, saber os nomes dos seres – essas são as raízes mais profundas da humanidade. Isso precisa ser cultivado entre nós para que os ramos de nossa civilização possam elevar-se aos céus sem que sucumbamos.

Pe. Fabrício Beckmann



Fotos Arquivo Pró-Memória

A cultura como essência da vida

No mês em que se comemora o aniversário de emancipação política de nossa Piquete, dois diferentes posicionamentos podem ser encontrados entre nossos piquetenses: de um lado, amantes de nossa história regozijam-se com a data e aproveitam-na para mostrar, através de fotos, histórias ou celebrações, o sentimento que nutrem por essa terra. De outro, alguns munícipes mais desconfiados, talvez um tanto desiludidos com as desventuras de nosso tempo, questionam o porquê de se importar com um passado de 127 anos que, aparentemente, não teria nenhuma capacidade de influir em seu presente ou futuro. Dizendo de antemão que faço parte dos primeiros – ainda que a idade limite meu repertório de histórias e experiências – gostaria de responder aos segundos: nossos 126 anos de história são importantes porque guardam o que nos torna piquetenses. Não certidões de nascimento, mas nossa cultura. Explico.

Um dos patriarcas da sociologia francesa, Émile Durkheim, legou à ciência uma importante ferramenta analítica para entender o mundo social. Na tentativa de estabelecer

um método científico para o estudo dos fenômenos sociais, Durkheim sugeriu que o objeto de análise da Sociologia deveria ser o “fato social”. Segundo sua definição, esse objeto, o “fato social”, seria uma ação, um pensamento ou uma ideia marcada por três características: a externalidade – não se situar dentro do indivíduo, mas sim na consciência do grupo social; a anterioridade, dado que existiria antes mesmo da existência do próprio indivíduo; e seu poder de coerção, que levaria à aplicação de sanções sociais àqueles que não seguissem o restante do grupo.

Uma breve reflexão do leitor basta para que descubra, aos montes, fatos sociais que determinam sua vida: tomar café pela manhã, escovar os dentes, dar bom-dia ao vizinho, sentar-se na poltrona e ler esse jornal etc. Todas essas atividades são produtos de anos de história social que acabaram por criar hábitos aparentemente prosaicos, mas que, se não fossem realizados, causariam estranheza. Quase tudo, senão tudo em nossa vida, é um fato social. O acúmulo desses hábitos constrói uma consciência coletiva, e é essa consciência que dá aos mais diversos

indivíduos algum sentido de unidade como grupo.

Se fui bem-sucedido nessa rápida e rasteira tentativa de explicar do que se trata o fato social e qual sua importância para os indivíduos e a sociedade, gostaria de voltar ao conceito central do início deste texto: a cultura. Talvez uma das melhores palavras para simplificar o que disse nos dois parágrafos anteriores seja, exatamente, cultura. Como um conjunto de fatos sociais, é ela que nos dá sentido de pertencimento a um bairro, a uma cidade, a um país. No fundo, é ela que está na raiz de um sentimento aparentemente inexplicável, que é o amor a uma terra.

No caso de nossa Piquete, são os elementos materiais e imateriais de nossa cultura que dão a todos nós munícipes a noção de que há algo que nos une em torno da construção de uma cidade melhor. Como disse, é a cultura que nos permite amar nossa Piquete. Valorizar o trabalho de quem se esforça para manter viva nossa consciência coletiva é premissa básica para que continuemos nos vendo como piquetenses.

Rafael Domingues de Lima

Vem, Nibiru, vem!

De um lado aparece a figura carismática de Bergóglio, o papa Francisco. Francisco sem o primeiro. Francisco que é um marco e todo marco é zero. Qual sua religião? Não responda. Não importa. As palavras de Francisco são de todas as religiões. São as mesmas palavras de Buda, de Jesus, de Mohamed, de Maomé (Abū al-Qāsim Muḥammad ibn ‘Abd Allāh ibn ‘Abd al-Muṭṭalib ibn Hāshim), outro profeta, ser iluminado ou Deus. São elas: Paz, amor ao próximo e o bem. Francisco exorta o povo, cristão ou não, com ou sem religião, para o amor profundo, o amor sem olhar a quem e para a busca pela paz entre os povos e religiões. A exortação é tão profunda, que ele se desdobra em prefaciando um livro sobre a doutrina social da Igreja (DOCAT). E o faz especialmente para os jovens, pois estes têm a missão de transformar o mundo (YOUCAT). Mário Bergóglio sabe que nós, os mais velhos, já estamos calejados e cansados. Nossas fórmulas não deram muito certo e o planeta sofre. Com ele o povo sofre. Sofre pelo aquecimento global, por injustiças e por guerras. Só o jovem terá fórmulas novas para buscar o restabelecimento de uma paz que nunca tivemos.

De outro lado aparecem figurões que representam o pior dos piores. A lista aqui poderia e deveria ser enorme. A começar por uma leva imensa de políticos brasileiros e ultratupiniquins. Citá-los todos? Impossí-

vel! Mas vamos colar em nosso álbum dos infernos algumas figurinhas carimbadas. A começar pela cabeça da serpente. O líder da – ainda – maior potência do mundo: Trump. Na contramão do Papa, ele exclui pessoas, cria muros, não respeita regras e, como se não bastasse, joga no lixo o mais perto a que chegamos de uma paz ambiental: o Acordo de Paris. Diz uma piadinha na internet: “Começa com ‘T’, tem cinco letras, é líder em seu país e ferra com todos?”. Difícil, né? Pois na resposta, além de Trump, temos Temer. Esse é um outro. A sujeira rola solta no país devido às ações dele e de seus correligionários. Envolvidos até o pescoço em escândalos morais e crimes de diversos tipos, ele e seus asseclas são perdoados – mesmo havendo provas – pelo maior tribunal eleitoral do país. Passam incólumes pela mais alta corte. Isso nos leva a acreditar que a maioria dos juizes é também o outro lado da moeda de Francisco. Agora, mais uma piadinha de internet e sua mensagem subliminar: “Manda quem pode, desobedece quem tem juizes!”. Se Francisco prega a tolerância e o amor, existem pessoas, cristãs de carteirinha, de dobrar joelhos, alguns de rezar o Rosário (quem sabe de braços abertos), que não só apoiam mas se regozijam quando um tatuador escreve palavras na testa de um pequeno delinquente (será que é?) marcando-o por toda a vida. Também se esfacelam em felicidade ao verem um menor

que roubou um detergente ser acorrentado em um poste. Uma plateia aplaude e pede bis quando outro político ‘tratora’ viciados em crack, sem que sequer sejam dadas alternativas de vida. Falta apoio. Falta um olhar para o real problema. Sobre condenação e intolerância. Essas são atitudes de morte. Atitudes de ódio e não de acolhimento ou amor. Atitudes fáceis. Que afastam e não resolvem. Uns relativizam o ato dizendo que é ‘para o bem deles!’. Não é verdade. É apenas para um alívio nosso.

Mas, consultando os alfarrábios inter-néticos, vemos que os mesmos que apoiam essas arbitrariedades, essa falta de amor imensa e até mesmo essa corja de políticos, postam com alegria as palavras de amor de Francisco. Uma vez estive em Turim, na Itália, e ouvi muitas histórias sobre D. Bosco. Havia, na época do santo, um problema que afetava o povo. Exploração de trabalho infantil, criminalidade alta, muita bebedeira e tristeza. D. Bosco fez o que Francisco implora: acolheu. Lutou por direitos trabalhistas, educou o jovem e mudou a política com e pelos jovens.

O mundo está no avesso. Ver as entranhas fétidas deste mundo é como tentar engolir um abacaxi com casca: não desce. É, o mundo está no avesso! Alguém me informe: quando vamos nos chocar com Nibiru mesmo?

Luiz Flávio Rodrigues

Fotos Paróquia Santo Antônio / Laurentino Gonçalves Dias Jr.



Em Piquete, um Corpus Christi renovado

A comunidade católica piquetense celebrou o Corpus Christi neste 2017 como havia muito não se via. As ruas da cidade, que conta com as paróquias de São Miguel e de Santo Antônio, foram enfeitadas para a passagem da procissão que homenageia o Corpo de Cristo transubstanciado na hóstia sagrada.

Na paróquia de Santo Antônio, o padre Anderson conduziu os fiéis desde a matriz, no Bambuzinho, até o Oratório Domingos Sávio, em procissão acompanhada por grande número de paroquianos.

Já na paróquia de São Miguel, padre Fernando Sampaio percorreu as ruas do centro da cidade em procissão que deixou a matriz em direção à igreja de São José.

Em ambos os trechos, o que se viu foi uma belíssima ação da comunidade que acordou cedo para decorar os dois trajetos das procissões.

Num bem conduzido trabalho de equipe, a criatividade fez surgirem tapetes coloridos enfeitados com palha, serragem, pó de café, tampinhas, pipoca e flores naturais, além de diversos trabalhos manuais especialmente preparados para esta que é uma das mais importantes tradições da Igreja Católica.

Percorri, pela manhã, o trecho da procissão da paróquia São Miguel a fim de registrar

o trabalho de preparação dos tapetes. Havia muito tempo não via tamanha concentração de pessoas para essa atividade. Emocionei-me... Vieram-me à memória as frias manhãs de junhos passados, em que as famílias Seraphim e Chaves “dominavam” a confecção dos tapetes no trecho da rua Coronel Luiz Relvas iniciado na Praça da Bandeira e que sobe em direção à matriz, até o “antigo cartório”. Eu, moleque, colaborava com os vizinhos Seraphim... Cobrir tampinhas, tingir a fria e úmida areia e preencher moldes bem elaborados eram minhas atividades. Doces lembranças de uma Piquete, pra mim, muito mais unida, mais familiar...

Essas lembranças foram muito reais neste Corpus Christi... Encontrei famílias inteiras trabalhando nas ruas, preparando os altares nas varandas e janelas das casas, coletando pó de café... Vi crianças ajudando seus pais e voluntários a distribuir café, lanches e até almoço para os que passaram a manhã trabalhando nos tapetes. Eram grupos inteiros se apoiando para tornar mais bonito o seu pedaço de rua... Em minhas lembranças está, também, a ansiedade para avaliar outros trechos – havia, sim, uma enrustida e saudável competição que resultava em benefícios para a beleza da procissão...

Vale ressaltar o número de jovens que estavam nas ruas trabalhando pela fé. A Igreja Católica precisa dos jovens, que representam sua continuidade, bem como a de suas tradições. As rápidas mudanças das últimas décadas evanesceram a grandiosidade das tradições, especialmente as religiosas. Festas do padroeiro e datas como a de Corpus Christi tornaram-se, para muitos, apenas um feriado prolongado. É muito significativo, portanto, evidenciar tamanho número de adolescentes investindo seu tempo num trabalho voltado para a tradição e a fé.

O resgate de tradições tão caras à população católica é essencial para o engrandecimento da fé. O trabalho em equipe é, por si só, incluyente e favorece a união, o respeito às opiniões divergentes. É, portanto, a comunhão de que tanto precisamos: comunhão de conceitos, de ideias, das diferenças...

Que os piquetenses – que celebraram o Corpus Christi no dia do aniversário do município – sigam adiante em seu empenho pela beleza da fé e das tradições!

Que seja tão rica em ações a comunidade católica piquetense quanto foram coloridos e plurais os tapetes de Corpus Christi de 2017!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

